

Jornadas de Investigação em Artes e Comunicação do



CIAC

**FARO - SALA DE ACTOS DA
FACULDADE DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS [FCHS] - 2.35
Campus de Gambelas - 9h30 às 19h00**

2
sexta

J U L H O ' 1 0

R E S U M O S

ENTRADA LIVRE

+ informações:

www.ciac.pt



Painel 1: Representações, Narrativas e Literacias do Mediterrâneo

Apontamentos sobre a arte contemporânea no mediterrâneo

Mirian Tavares

O mediterrâneo foi o berço do cânon da arte ocidental. mas foi também o berço de outros cânones que o ocidente preferiu ignorar, ao longo dos séculos, na tentativa de criar uma imagem de si mesmo que correspondesse ao modelo greco-romano. A outra arte ficou outra - desconhecida, não reconhecida como tal - arte, mas vista como arqueologia, etnografia, artesanato. Uma das marcas da contemporaneidade é o reconhecimento do falhanço de um discurso linear, unívoco e teleológico. Irei reflectir sobre o diálogo possível, e necessário, da arte ocidental e da outra arte, que afinal é também a mesma. É também fragmento de uma história, da nossa história, que deve ser amplificada e cada vez mais dialógica.

A figuração cristã contra o interdito mosaísta

João Maria Mendes

Quem, como nós, continua a abismar-se diante da frontalidade na história do retrato pictural e fotográfico, diante da figuralidade não-narrativa de personagens num certo cinema e num certo teatro “modernos”, cedo ou tarde confrontar-se-á com a “nova” figuração da pessoa humana no vasto período que vai da arte paleo-cristã à Bizâncio pós-íconoclasma, onde essa frontalidade e figurabilidade se enraízam. É uma questão cuja matriz obtém o seu crisma no Mediterrâneo oriental, e que se sobrepõe à conversão dos imperadores do império romano e à mudança da sua capital para Constantinopla. Nasce durante esses séculos, morosa e lentamente, a figurabilidade de uma espécie divino-humana que habita uma temporalidade nova, a da *parousia* cristã. Não sendo especialistas dessa época das histórias das artes, é esse fenómeno que nos interessa neste texto, por causa da figuralidade retratista de pintores contemporâneos como Francis Bacon e Lucien Freud, ou por causa da figurabilidade cinematográfica de certos personagens em cineastas “modernos” como Bresson, Ozu, Dreyer e Godard.

Palavras-chave: Figura; Frontalidade; *Parousia*; Divino-humanidade; Hipóstase; *Koinè*; *Aisthêsis*; Íconoclasma; Bizâncio.

Emoções mediterrânicas

David Antunes

Uma poderosa descrição do mundo mediterrânico relaciona-se com a consideração do mesmo como um espaço passional, i. e. como um lugar de sofrimento. Desde os *clichés* sobre a natureza ferosa e apaixonada dos homens e mulheres mediterrânicos à culinária farta e especiosa, parece não haver lugar à apatia, à sobriedade e à indiferença, no mundo banhado pelas águas deste mar interior, que une a Europa, a África e a Ásia. Talvez uma excepção, que apenas confirma a tese, é a chamada dieta mediterrânica, que pode muito bem ser uma invenção americana.

Não surpreende por isso, que Romeu e Julieta se amem em Verona, mas é um pouco estranho que este amor tenha sido concebido numa tarde chuvosa e fria de Londres por um homem chamado Shakespeare. Não surpreende também que o jovem actor e espectador Agostinho se tenha perdido de amores e paixões em Cartago e se tenha convertido, igualmente apaixonado, em Milão.

Palavras chave: Mediterrâneo; paixões; sofrimento; irracionalidade, emoção; autonomia; teatro; Aristóteles; S. Agostinho.



Sabina: Salomé no Algarve

Armando Nascimento Rosa

A preparação em curso de uma versão cénica de Sabina Freire (1905), a única peça de teatro que Manuel Teixeira Gomes nos deixou, é um excelente pretexto para observar como nos confrontamos hoje com este objecto dramático, que Jorge de Sena caracterizou como sendo uma das mais perturbadoras peças de teatro europeias ao tempo da sua escrita. No contexto do Projecto de investigação Cena e Texto, a minha comunicação pretende analisar algumas coordenadas que me parecem cruciais em relação ao imaginário e linguagem de cena propostos por esta fábula teatral, cuja acção decorre no Portimão do final do séc. XIX. Por outro lado, pretendo dar conta do trabalho que operei na elaboração de uma versão cénica da peça, a estrear em Outubro próximo, na cidade-natal do autor; tarefa que assinala para mim, curiosamente, vinte anos de actividade como dramaturgista (princiada com um outro rosto de feminina rebeldia: a Nora da Casa de Boneca, de Ibsen; autor que mantém forte ascendência sobre a Sabina de Teixeira Gomes).

Palavras-chave: Dramaturgia portuguesa do séc. XX; Linguagens cénicas; Dramaturgo e Dramaturgista; Leitura mitocrítica; Representações do feminino.



Existe alguma dimensão mediterrânica na Literacia dos Media? Nomeadamente fílmica?

Vítor Reia Baptista

As formas e os conteúdos das narrativas que ao longo dos tempos têm formado o canone de uma certa cultura mediática que, de algum modo, se pode chamar mediterrânica, estão imbuídas de diferentes elementos estruturais, míticos, éticos, estéticos e dramáticos, os quais, nessa sua diferença, congregam o essencial de uma dada identidade cultural, difícil de delinear e de definir, sem dúvida, mas absolutamente incontornável no contexto mais amplo de outras literacias de matrizes mediáticas, designadamente no contexto da literacia fílmica. O trabalho a desenvolver tentará abordar a natureza de alguns elementos fundamentais e constituintes de um denominador comum dessa literacia mediterrânica dos media.



Painel 2: Representações e Narrativas nas Artes



Representações:

De como o 'absurdo' ganha sentido: uma experiência de representação (Fando e Lis, de Fernando Arrabal)

António Branco

A peça *Fando e Lis*, levada à cena pelo grupo A Peste - Associação de Pesquisa Teatral em 2009, proporcionou uma experiência de criação totalmente nova aos actores, confrontados com o problema de como conferir credibilidade a uma sucessão de acções e palavras aparentemente absurdos das personagens, do ponto de vista da lógica naturalista. O espectáculo anterior do grupo (*Páscoa*, de August Strindberg) tinha possibilitado a constatação de que o método de criação inspirado no legado de Stanislavski, encarado como «pai do paradigma da autenticidade» na arte de representar, perdura e dá frutos desde que os actores estejam disponíveis para o confronto doloroso com as correspondências entre a sua própria vida e a vida da personagem. A partir dos primeiros ensaios de *Fando e Lis*, contudo, verificou-se a total desadequação desse método ao texto de Arrabal, na medida em que os actos e as palavras das personagens perdiam sentido quando interpretadas de uma forma psicologista. Assim, o grupo teve de procurar um caminho novo, sem qualquer orientação que não fosse o próprio

texto e as suas didascálias. Um dos aspectos descobertos foi o de que se, nas peças naturalistas, a personagem se intensifica e torna cada vez mais autêntica por acumulação (de emoções, sensações, memórias, etc.), na peça de Arrabal a acumulação impedia a credibilidade das personagens. Talvez se possa dizer, então, que na peça de Arrabal o texto é o próprio subtexto, ao contrário do que acontecia na peça de Strindberg.

Encruzilhadas Metodológicas: da dificuldade de escrever uma «História» da Escola de Teatro do Conservatório

Eugénia Vasques

A «história do teatro» em Portugal é um território minado desde a sua origem oitocentista (Teófilo Braga). Propor, individualmente, uma narrativa historiográfica sobre uma instituição formal de ensino do teatro, a Escola de Teatro do Conservatório, é, à partida, um contra-senso metodológico em virtude da alta especialização da História contemporânea. Ainda por cima, depois da lição de Braudel, no seu *Mediterranean*, que repudia a «histoire événementielle»! Que tarefa nos resta, então, no âmbito de uma investigação de curto prazo? A actividade «recolectora» que é o *proprium* de uma actividade feminina...

Palavras-chave: Teatro, Ensino, História, Teatrologia, Estudos das Mulheres.

Lugares na poesia portuguesa contemporânea

Ana Soares

Que espaços perdidos surgem na poesia portuguesa dos anos 00? A partir de uma leitura de poemas publicados nos últimos dez anos (de Manuel de Freitas, José Miguel Silva, Jorge Roque ou Rui Pires Cabral), pretendo identificar tópicos persistentes e ler neles modos de constituição de uma nostalgia poética que se consuma nos versos dos autores que hoje escrevem. Se, como se diz num poema de Manuel de Freitas, “O *correlativo objectivo* / gastou-se, como era de esperar”, faço a pergunta implicada mais adiante: De que sobrevive a lírica?

O Amor segundo Clarice Lispector. Notas sobre o sentido político da literatura e da arte...

José Paulo Pereira

Em Clarice Lispector, as fronteiras entre o sujeito e o real vacilam. Nessa sua oscilação, elas abrem-se à intuição de uma alteridade pré-originária. Um entra pelo outro a dentro, nele projectando e incorporando um exterior que de si mesmo o descentra. Assim se deslocam ambos, no excesso desse seu descentramento, para fora do seu sentido do uno e nu, e de uma sua visibilidade própria. Nesse seu desdobramento, toda a visão se revela, então, como reflexo de uma ficção que a cega. A ficção em que vida e direito, coisa e nome, plenamente se ajustariam. Essa incorporação do outro constitui, na verdade, quer uma sua descoberta, quer um deslocamento, na experiência do e para o que é, ainda, anterior à sua negatividade. Dessa vacilação das suas fronteiras, entre o sujeito e o real irrompe, assim, o espaço incomensurável de uma excepção que, abrindo-se do interior da própria lei, a suspende sobre a voragem do seu abismo. Um dos lugares deste desdobramento, é o do conto «Amor», integrado em *Laços de Família*. Ele supõe no seu centro, para nos servirmos da fórmula de Benedito Nunes, em *O Drama da Linguagem*, uma «tensão conflitiva» entre personagem e mundo. O que aqui nos ocupará será a forma específica da sua concretização e dos seus efeitos. Vê-la-emos, por um lado, como forma de interpelação do leitor, acerca das implicações éticas da excepção, tal como ela seria

liminarmente pensável, ainda numa zona indistinta que se situaria, não apenas no limite, mas também *entre* o domínio jurídico-político e o domínio estético-literário. Assim aberta como obscuramente reveladora, no espaço de um impensável exterior ou na anomia em que toda a fronteira se funda e afunda a excepção fende o espaço da cidade, a partir das suas margens. Observá-la-emos, por outro lado, também, no modo como ela aí desenvolve a dramática dimensão dessa experiência do limite, enquanto lugar de vertigem que afecta o sujeito do sentido da sua insuturável abertura. Por ela passam, não apenas a sua vulnerabilidade, mas também a sua liberdade, não apenas a sua subjectividade, mas também o seu segredo e a sua heteronomia, não apenas a sua radical abertura, mas também o seu por vir. Nesse sentido, o conto de Clarice Lispector possui um sentido não apenas estético, mas também político, assente na forma como vem, do seu interior, a perturbar a sua própria classificação. Fá-lo a partir das margens da ficção, expondo-as no seu próprio interior, sem contudo lhe supor ou opor uma verdade. Qualquer verdade definitiva pertenceria ainda ao espaço da ficção que de si mesma a dissocia.

Painel 3: Resultados Parciais dos Projectos do Ciac

Main trends: Principais tendências do cinema português contemporâneo

João Maria Mendes

Quais são, hoje, as principais características do desenvolvimento de projectos para cinema em Portugal? O que pensam os realizadores sobre o cinema português? Que concluir das suas opiniões, experiências e análises da situação contemporânea? Estão a surgir novas tendências no cinema português?

Os textos agora concluídos - introduções, 32 entrevistas a realizadores, conclusões, ensaios monográficos - são a primeira parte do projecto "Principais tendências no cinema português contemporâneo", desenvolvido no âmbito do CIAC e apoiado pela FCT, e correspondem a um ano de trabalho da equipa de investigação (Abril 2009 - Março 2010). O projecto nasceu no Departamento de Cinema da ESTC, com o objectivo de integrar na investigação um núcleo de alunos de Licenciatura e de Mestrado, a que se juntaram investigadores integrados do CIAC e convidados. Partimos da hipótese de que a "cultura organizacional" do cinema português contemporâneo contribui mal para o desenvolvimento de práticas comuns que tenham em vista a excelência dos objectos a produzir; mas que é possível melhorar metodologias do desenvolvimento de projectos com vista a uma subida de qualidade dos filmes, sem quebra da identidade e dos valores desse mesmo cinema. Demos particular atenção à primeira década do século XXI, mas visitando também a década anterior, e tendo em conta que, habitualmente, o discurso produzido sobre o "cinema português contemporâneo" se refere a um período que se inicia com a geração do "Cinema Novo", nos anos 60 e 70 do séc. XX.

Cross Media, Mixed Media em Novas Tecnologias da Informação e Artes Performativas

Gabriela Borges

Este projecto transdisciplinar foi apresentado à FCT na candidatura do Centro no ano de 2007. Tem como objectivo o desenvolvimento de uma plataforma multimédia em que a arte, a comunicação e a tecnologia são postas em diálogo a partir dos resultados obtidos pelos projectos de investigação dos dois grupos de investigação do Ciac: Teatro e Estudos da Performance e Estudos Fílmicos, Comunicação e Artes Visuais.

A questão de fundo que se coloca está relacionada com a criação de intersecções e interlocuções entre a teoria e a

prática, tanto artística quanto comunicacional. Como fundamentação teórica, a concepção da plataforma baseou-se nos estudos desenvolvidos por Martin Heidegger sobre a questão da tecnologia e por Lev Manovich, sobre os bancos de dados e a linguagem dos novos media e, como fundamentação artística foi inspirado, principalmente, no projecto *The Tulse Luper Suitcases*, elaborado pelo artista plástico inglês Peter Greenaway.

Na primeira fase do projecto foi elaborada a estrutura da plataforma a partir dos projectos do Ciac, com o intuito de garantir a sua funcionalidade, bem como a identidade visual, que procurou trabalhar com aspectos criativos e lúdicos. É de ressaltar ainda que esta plataforma deve funcionar não apenas como um banco de dados mas também como um estímulo à investigação artística e aplicada a partir das novas linguagens que surgem com o desenvolvimento da tecnologia digital.

Painel 4: Representações e Literacias na Comunicação

O culto da mãe e as metáforas do cancro da mama: o caso de Fernanda Serrano

Merja de Mattos-Parreira

A modelo, apresentadora e atriz Fernanda Serrano, de 35 anos, foi operada ao cancro da mama na Primavera de 2008. A partir daí, este caso teve uma vasta cobertura mediática, tanto nas revistas femininas e cor-de-rosa (*Máxima, Caras, Flash, VIP, Nova Gente*, etc.), como na imprensa de actualidades (*Público, Correio de Manhã, Visão*, etc.) e na televisão.

Nesta comunicação analisarei o modo como o assunto “Fernanda Serrano e a doença do cancro da mama” se articula no circuito cultural. Simultaneamente examinarei a forma como o circuito cultural conjuga o culto católico da maternidade com as metáforas do cancro de mama (uma doença maioritariamente do sexo feminino). A minha abordagem também passará pela comparação intercultural, fazendo referência aos universos culturais anglo-americano e finlandês, de matriz protestante.

Produção de um programa didáctico no âmbito da literacia cinematográfica

Ana Luísa Gonçalves

Actualmente somos actores num cenário invadido pelas mensagens dos media, com conteúdos informativos através de texto, som e imagem transmitidos através de diferentes tipos de comunicação: televisão, cinema, vídeo, sítios Web, rádio, jogos vídeo e comunidades virtuais. Desta forma, pelo facto da presença dos meios de comunicação e das tecnologias ser constante na vida do indivíduo, torna-se necessário falar de uma *literacia mediática*, ou neste caso concreto de uma *literacia cinematográfica*. Por outro lado, ainda que estes continuem a ser meios fundamentais para o conhecimento e a compreensão do mundo, é notório que a sua forma de consumo está a mudar. No caso concreto dos mais jovens, é consensual um consumo de forma indiscriminada de todo o tipo de mensagens, sejam elas provenientes dos meios tradicionais ou dos meios mais recentes (Internet, telemóvel, etc.). Sem possuir conhecimentos sobre a linguagem audiovisual, acabam por desconhecer as estratégias persuasivas e manipuladoras que se escondem nos bastidores de um ecrã, acabando por adoptar uma atitude passiva e pouco reflexiva, sendo incapazes de fazer uma leitura e uma interpretação da imagem de forma crítica. A presente comunicação procura dar a conhecer uma experiência de carácter pedagógico, no âmbito de uma tese de doutoramento, concretamente a produção de um programa didáctico que visa desenvolver, em alunos do Ensino Básico (1º e 2º ciclos), competências no sentido de uma «literacia cinematográfica» ('cineliteracy'). Defende-

se a importância de uma educação para os media, e em particular do meio cinematográfico, no sentido de promover a formação de espectadores críticos incapazes de se deixar manipular pelas mensagens audiovisuais a que têm acesso diariamente.

Painel 5: Doutoramentos em curso

Uma Representação do Espaço Oriental

Emília Piedade

Por razões históricas o Oriente tem sido uma temática importante na cultura portuguesa. Por altura do fim do império português foram feitos quatro filmes sobre os territórios orientais do império. Três dos realizadores declararam uma *intentio auctoris* relativamente à representação do espaço oriental, de carácter mitificante. Em termos de Edward Said, os realizadores concebem esse espaço como *geografia imaginária*, projecção de uma cultura sobre um território. Eduardo Lourenço, Álvaro Manuel Machado e Margarida Calafate Ribeiro declaram que existe na cultura portuguesa uma formação psico-social mitificante do Oriente.

A intenção da parte dos realizadores de representar o *mito* coloca questões tais como: como conseguem os cineastas representar a o *mito* através do *médium* cinema? É possível, na recepção, o espectador reconhecer, interpretar o que se lhes apresenta, como espaço descontínuo, *mitificado*? Destacaremos e analisaremos os processos da construção do significado pretendido contidos no filme *Os Olhos da Ásia*, de João Mário Grilo.

Dissolução e resistência na voz do narrador

Lúcia Ramos

Existe uma estranha cidade em que os livros e os autores não surgem através do método tradicional, mas por Comités Autorais. Neles participam Biógrafos, Antropólogos, Copistas, Cartógrafos, Patologistas. Um dia, porém, um autor recusa o destino escrito e à revelia desta comissão pretender escrever a sua biografia. Chama-se *Spontini* e num momento de lucidez afirma ser uma colónia de escritores.

Narrativa metáfora do hipertexto onde vemos cada categoria narrativa ser desconstruída para melhor se adaptar à reflexão, tudo será uma farsa, uma encenação permeada de ironia. Desfaz-se o Autor na negação e retratação de tudo o que aparentou e alicerça-se no problema da criação imaginária, permeando-se com o dialogismo.

Habilidoso jogo arquitectónico das estruturas em que o narrador envolveu a personagem-autor e este o narrador-personagem-autor, não se permite a atitude passiva de um leitor ingénuo, mas a inteligente actividade estruturadora dum leitor competente ou ideal cuja obra recria e reescreve. A transmutação da personagem em autor ou, num sentido inverso, a do escritor em personagem ficcional, possui bases e princípios de composição comuns no que se refere à elaboração da ficção, ao modo de narração e à montagem do texto. A prosa apresenta enredos cujas etapas desobedecem a qualquer ordenamento linear como também providencia meios para que a posição do narrador seja desmembrada em múltiplas dimensões da consciência. Monólogo interior, fluxo de consciência e multidimensão espaço-temporal são, de entre outros, os conceitos que a moderna Teoria Literária trouxe para dar conta dessa complexidade.

O estereótipo feminino na representação fílmica e televisiva de Elizabeth I

Liliana Lopes Dias

Elizabeth I de Inglaterra tem sido representada, seja no cinema ou na televisão, dentro dos parâmetros de um estereótipo da figura feminina de acordo com a época de

produção do filme ou série em questão. Na primeira metade do século XX Elizabeth foi infeliz, frustrada, psicológica e fisicamente comprometida, e acaba inevitavelmente sozinha e isolada. Nos anos 70 e 80, ela foi mulher de carreira, rainha competente, mulher forte, determinada, por vezes, até fria e calculista. Nos anos 90 foi governante inapta, chefe de estado de aspirações adolescentes, que inevitavelmente tem de abandonar; ou, ao contrário, afirmou-se como imagem da experiência enquanto mulher e líder. Na primeira década do século XXI Elizabeth tem sido representada como uma mulher vulgar, com aspirações e desejos comuns, e que, sem ter de os abandonar completamente, se estabelece como símbolo de estabilidade, competência, e ícone histórico de proporções semi-deíficas.

Obviamente Elizabeth nem sempre foi o ideal feminino de cada década em que foi interpretada. Nos últimos anos a sua representação tornou-se cada vez mais complexa, sendo ao mesmo tempo humanizada e desumanizada, à semelhança do que acontece com a imagem das celebridades de Hollywood. Talvez seja essa a questão, Elizabeth converteu-se em estrela de Hollywood, com todos os convenientes e inconvenientes que tal implica.

Cineastas europeus nas origens do Maneirismo de Hollywood: André De Toth e o caso *The Indian Fighter*

Jorge Carrega

A ascensão de Hitler ao poder em 1933 e o início da Segunda Guerra Mundial em 1939, provocou um verdadeiro exódo de realizadores, directores de fotografia, argumentistas e actores europeus que procuraram refugio nos EUA. A integração destes exilados de guerra no sistema de produção dos estúdios foi determinante para a introdução de uma nova sensibilidade estética em Hollywood. Realizadores como Fritz Lang, Alfred Hitchcock, Otto Preminger, Douglas Sirk, Curtis Bernhardt, Robert Siodmak e André De Toth, deram início a um processo de transformação estética e formal que contribuiu decisivamente para a desintegração do paradigma clássico de Hollywood entre meados dos anos 40 e inícios dos anos 60.

Analisar o impacto dos cineastas europeus no cinema americano das décadas de 1940 e 1950, e o seu contributo para a criação de um cinema “maneirista” em Hollywood é o objectivo desta comunicação que utilizará como caso de estudo o western de 1955, “The Indian Fighter”, realizado por André DeToth.

Comissão Organizadora

Coordenação: Gabriela Borges

António Guerreiro

Isabel Afonso

Pedro Filipe

Contactos

CIAC/Universidade do Algarve - FCHS, Campus Gambelas
8005-139 Faro

Contacto | Dr. António Guerreiro | T. 289800900 ext. 7541
secretaria.ualg@ciac.pt

CIAC/Escola Superior de Teatro e Cinema
Avenida Marquês de Pombal, 22 B 2700-571 Amadora
Contacto | Dra. Margarida Saraiva | T. 214989400
secretaria.estc@ualg.pt